



BEM-TE-VI

OUTUBRO, 1923

Um Livro Proprio para os Amiguinhos do "BEM-TE-VI"

"O Que Revela Uma Assignatura"



—Que desenhos interessantes! dirão vocês ao olhar para as figuras que se acham nesta pagina. Pois qualquer amiguinho pôde fazel-os muito facilmente:

Pegue numa folha de papel e dobre-a ao meio. Depois ponha uma penna gothica, ou qualquer outra

penna grossa, na caneta e escreva sobre a dobra do papel um nome, uma palavra, uma cruz ou um zigue-zague. Faça isso acalcando bem a penna para sahir bastante tinta. Antes que a tinta seque, dobre o papel outra vez e esfregue fortemente o papel dobrado para espalhar bem a tinta. Abrindo o papel, verá uma ornamentação, um bicho, uma arvore, um esqueleto, etc. A's vezes obtem-se melhor resultado dobrando o papel pelo meio da palavra em vez de ao longo da mesma.

Ha um livro feito de papel especial para esse divertimento, cujo titulo é "O Que Revela Uma Assignatura". E' muito bem encadernado e na capa traz o esqueleto formado com o nome D. Pedro II e numa das paginas, o de José Bonifacio. As outras paginas estão em branco com o lugar marcado para a dobra onde se deve es-



crever o nome; ha tambem um lugarzinho para se pôr a data e o lugar. E' um presente muito bom para se dar a um amiguinho, no seu anniversario. Não é muito caro, custa 4\$000 e encontra-se na Imprensa Methodista, na cidade de São Paulo.

Pôde pedir que papae, mamãe, os irmãos e os amiguinhos escrevam o seu nome nesse livrinho para ver que figuras interessantes os seus nomes formarão. E' um bom divertimento para um dia de chuva.

BEM-TE-VI

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117

REDACTORA — L. F. EPPS.

ANNO I :::: N. 10
REVISTA MENSAL

São Paulo-Brasil, Outubro 1923

ASSIGNATURA
ANNUAL. . . 5\$000

UM HEROE

Ha muitos e muitos annos existia na cidade de Genova, na Italia, um menino que revelava grande gosto por tudo que dizia respeito á navegação. Ficava horas inteiras a escutar as historias maritimas que os marinheiros lhe contavam. Gostava de conversar com elles, examinar os barcos e fazer barquinhas de madeira ou papel. Não havia brinquedo que maior alegria lhe causasse do que uma pequena embarcação, por mais rustica que fosse.

Quando começou a frequentar a escola, dedicou-se completamente ao es-

tudo da Geographia. Si acontecia, ás vezes, não ter tempo para estudar todas as lições arranjava um meio de preparar a lição de Geographia. Não havia alumno mais attento que elle na aula dessa materia.

A' proporção que foi crescendo, sua intelligencia foi se desenvolvendo e sua imaginação se alargando. Cada vez se sentia mais e mais attrahido pela navegação. Muitas vezes, passava horas sentado numa pedra na praia, com os olhos fitos no horizonte a construir castellos no ar.



Naquelles tempos, homens civilizados habitavam a Europa. A India tinha sido descoberta ha muito tempo; desse paiz, traziam sedas, ouro, pedras preciosas e muitas outras cousas admiraveis. Quasi todos acreditavam que a terra era plana e por isso tinham medo de navegar no oceano, hoje chamado Atlantico, porque receavam cahir num abysmo, no ponto onde o mundo terminasse. Chamavam-no o "Mar da Escuridão" e fallavam-se horrores desse oceano.

Mas havia pessoas que duvidavam de que a terra fosse plana e entre essas, estava o nosso heroe que acreditava na redondeza da terra. "Si a terra é redonda, pensava elle, podia-se viajar sempre para o oeste até encontrar a India que fica a leste". E assim foi que nasceu no seu espirito a idéa e o desejo de fazer uma viagem ao redor do mundo. No dia em que pensou nisso, passou a noite acordado, tal era o enthusiasmo de que estava possuido.

No dia seguinte contou a algumas pessoas o seu plano; ellas, porém, riram-se e chamaram-no de louco por pensar que a terra era redonda. O rapaz resentiu-se da zombaria, mas isso não abalou a sua resolução. Elle mostraria ao mundo que não se tinha enganado.

Aos 14 annos tornou-se marinheiro e fez diversas viagens, nas quaes obteve muita experiencia.

Para realizar o seu plano, elle precisava de muito dinheiro e no emtanto era pauperrimo. Resolveu então contar o seu plano a pessoas ricas para que o ajudassem na sua empreza. Mas os seus patricios não lhe deram ouvidos.

Foi a Portugal e contou ao rei as suas idéas e os seus planos. Elle ouviu tudo com muita attenção e depois elle mesmo mandou explorar os mares para ter a honra dos descobrimentos. Mas a tentativa foi infeliz.

As difficuldades, em vez de desanimarem o nosso heroe, o instigavam a proseguir nos seus intentos.

Na Hespanha, esperou oito annos para ver se obtinha auxilio da corte. Já se dirigia para a França e para a Inglaterra, á procura de auxilio e de protecção, quando encontrou um monge que advogou a sua causa junto á rainha Isabel, da Hespanha. Ella examinou os seus mappas, escutou os seus planos e começou a acreditar na redondeza da terra.

—Eu vos darei todas as minhas joias para que possaes comprar caravellas para provar isto, disse ella com enthusiasmo.

Então o ousado navegador comprou trez caravellas e partiu com 120 marinheiros, muitos dos quaes choraram com medo do "Mar da Escuridão".

Navegaram durante dois mezes. Como a viagem se prolongasse, os marinheiros se revoltaram. Queriam atirar o seu capitão ao mar e voltar á Hespanha. Os viveres começavam a faltar e não avistavam terra.

Afinal, numa noite clara, houve signaes de terra e na manhã do dia 12 de Outubro de 1492, avistaram uma bella ilha. Christovam Colombo, pois assim se chamava o nosso heroe, vestiu-se com as melhores roupas e desceu á terra descoberta. Depois Colombo tomou posse da ilha em nome do rei da Hespanha.

Colombo estava certo que tinha chegado á India e por isso chamou os selvagens que encontrou de **indios**.

Estava realizado o seu sonho: provára que a terra era redonda. Apesar dos obstaculos, da má vontade das pessoas e da sua pobreza, alcançara o alvo desejado.

Depois de Colombo morrer, um dos pilotos de sua frota, poz-se a explorar as costas descobertas pelo decidido navegador e verificou que não faziam parte da India.

—E' um Novo Mundo, disse elle.

E por muito tempo assim foi chamada a nova terra; mas em 1506, resolveram dar-lhe o nome de America, em honra ao piloto Americo Vespuccio, que descobrira que a nova terra não era uma parte da India.

FLORENCE NIGHTINGALE

CAPITULO V — CONCLUSÃO

OS ULTIMOS DIAS DE FLORENCE

Florence pretendia organizar novos methodos no tratamento de enfermos, mas as suas forças estavam gastas com as provações e soffrimentos que experimentára na Criméa. Ella, porém, julgava que o socego de que gozava em Lea Hurst a restabelecesse completamente, mas suas amigas perceberam logo o seu estado.

Quando, afinal, comprehendeu que teria de passar mezes, talvez annos, num estado de invalidez que não a permitiria sahir da cama ou do canapé, ella não desesperou, mas resolveu tornar o seu quarto um dos lugares mais attractivos de Londres. Foi alli que ella planejou a construcção e a organização do “Lar Nightingale”; as reformas pelas quaes o exercito deveria passar; os cuidados

devidos aos enfermos pobres; as pensões ás victimas da guerra; livros a respeito do tratamento de doentes; etc., etc., emfim, não dava descanso á mente, visto que o corpo não podia mais prestar serviços á humanidade.

Morreu solteira, em Londres, no mez de agosto de 1911, com noventa e um annos. Além do “Lar Nightingale”, contribuiu para a creação da commissão sanitaria da Guerra Civil da Inglaterra e da Sociedade da Cruz Vermelha.

Ao badalar dos sinos que annunciavam a sua morte, por toda parte, os homens tiravam os chapéos, em signal de respeito e gratidão á “Amiga dos Soldados”.

Toda a honra seja dada á bella “Dama da Lampada” e ao “Anjo da Criméa”.

A ARVORE

Antonio e sua esposa moravam á beira da estrada.

A um lado da casa delles havia uma bella mangueira cuja ramagem era tão densa que occultava qualquer pessoa que ficasse entre seus galhos. Um dia disseram a Antonio:

—Porque não cortas esta arvore? Ella dá muita sombra e humidece a tua casa.

—Esta arvore nunca será derrubada por mim. Ella faz parte da minha familia e é a minha segunda mãe. Quando eu era pequenino, nos galhos della minha mãe suspendia o berço para me acalantar. Quando fui menino, era nella que eu pendurava meu balanço. Quando me casei, foi debaixo della que descansei, ao voltar da igreja, da grande caminhada que fiz da villa aqui. Dahi em deante, e sempre, é á sua sombra que eu durmo á sésa, ou me refugio para pensar na vida.

Passaram-se annos.

Um dia, a villa foi atacada por forças inimigas. Antonio e sua familia, quando souberam da approximação dellas, esconderam-se entre os ramos da arvore amiga.

Os soldados, depois de lhe saquearem a casa, retiraram-se sem nem olharem para o lado da mangueira.

Quando o exercito se retirou, Antonio ajoelhou-se em frente da arvore e, erguendo as mãos para os ceus, exclamou:

—Arvore amiga! Nos teus ramos fui embalado, em criança; á tua sombra encontrei sempre agasalho na vida de homem e agora, na velhice, me salvaste a vida e a dos meus. Em teu tronco jamais tocará o machado destruidor, enquanto existir Antonio e aquelles que o respeitam e amam.

(Do 3.º livro “Corações de Crianças”).

D. Rita Macedo Barreto.

UM GRANDE AMIGO E UM AMIGO GRANDE

Que animaesinhos serão esses que se estão mexendo junto á base do meu tronco? Ah, sim! São homens! Que estarão conversando entre si? São muito inteligentes, mas tão pequenos! Que dirão dos meus 30 a 35 metros de altura? Um delles já parece idoso. Poderá ter uns 60 annos e por isso acha que tem muita experiencia da vida. E eu que já tenho alguns seculos de existencia? Quando os homens chegam a 70, 80 annos, começam a curvar-se para a terra. Como é que isso não aconteceu a mim? Julgo que é porque sempre me conservei bem direito, desde pequeno. Tenho razão para andar sempre com a cabeça levantada. Pois não sou o jequitibá rosa, uma das maiores arvores brasileiras? Acaso não ouço sempre elogios á minha majestade e elegancia? Enfeito as florestas e agrado os olhos dos homens, mas tenho um fim mais util que esse. E' bem possivel que um desses homens que está agora me admirando, vá um dia viajar num carro de estrada de ferro que foi feito com a minha madeira. Quantas pessoas não andam em bondes, feitos de mim e nun-

ca me prestam a homenagem de um pensamento, sequer? Segundo o meu entender, os homens não são muito gratos.

Outro dia, um menino passou por aqui e feriu o meu tronco com um canivete para gravar as suas iniciaes. E' muito provavel que algum dia, aquelle mesmo menino sare de alguma molestia com um remedio feito com a casca do meu tronco.

Muitas pessoas ricas mostram com orgulho aos seus amigos, o lindo forro de madeira vermelho-rosea na sua sala de visitas. E poucos se lembram do jequitibá rosa que morreu para lhes dar esse prazer. Emfim, paciencia! Haverá algumas pessoas que fallarão de mim e, ao menos, os passarinhos, que se aninham nos meus galhos, sentirão saudades do abrigo que lhes proporcionei. Felizmente o dono destas florestas lembrou-se de chamar um photographo para tirar o meu retrato antes de me mandar cortar. Desse modo appareço na capa do "Bem-Te-Vi" e tenho o privilegio de visitar milhares dos meus amiguinhos no Brasil.

Quando Mamãe Chamar

Estavam tres crianças a brincar. José, o mais velho, Maria e Joãozinho, o menor.

No momento em que o brinquedo estava sendo mais apreciado, a mãe os chamou. José, que estava muito interessado pelo brinquedo, aborreceu-se e disse:

—Sempre quando estamos mais influidos nos brinquedos é que a mamãe nos chama.

Maria respondeu-lhe: — Com certeza ella precisa de nós.

Joãozinho, que era o mais obediente, foi correndo para ella sem hesitar. Dalli a poucos momentos notaram a falta do menino e correram para casa ver si estava lá.

A mãe lhes disse: — O seu tio esteve aqui e queria leval-os á cidade, porém, só foi Joãozinho, porque obedeceu ao meu chamado. Si vocês tivessem vindo, iriam tambem.

A PAGINA DOS LEITORES

("Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito")

A OVELHA VEGETAL

De todas as substancias vegetaes de utilidade para a industria, o algodão occupa o primenro lugar. A sua historia é muito antiga. Diz-se que elle é originario da Asia e era empregado no Egypto, muitos annos antes da nossa historia. Os velhos sacerdotes hindús

usavam um fio de linha de algodão, como emblema de sua santidade. Muitos annos antes da Europa começar a tecer algodão, o panno era importado da India. Na antiguidade, quando nossos antepassados se vestiam de pelles ou de lã, viajantes da Europa, que tinham visitado a Asia, fallaram della como uma terra maravilhosa, onde a lã drescia sobre arvores, em flócos que excediam em belleza á do carneiro. Em 1322 um viajante inglez, Sir John Mandeville escreveu uma historia maravilhosa a res-

peito da planta de algodão. Elle a descreveu como uma ovelha vegetal. Nós todos sabemos que estas historias não são verdadeiras, mas podemos ver facilmente como elles acreditavam nellas, porque tinham visto a fazenda, mas não tinham visto ainda a planta que a produzia, nem nenhuma fazenda parecida,

excepto a feita de lã de carneiro. Por muito tempo a India foi o principal centro da industria do algodão. As plantas foram provavelmente carregadas de lá para a Africa, porque o algodão foi usado no Egypto muito antes de Christo. Um explorador que visitou a Africa do

Sul, logo depois de Vasco da Gama, fez sua viagem ao redor do Cabo da Boa Esperança e verificou que as nações lá, já usavam fazenda de algodão. Os antigos romanos apreciavam muito o valor deste material. O grande Julio Cesar usava tendas de algodão e dizem tambem que havia uma cobertura feita de algodão sobre o Forum, em Roma.

A Hespanha cultivava o algodão ha 1.000 annos atraz. Quando Colombo chegou a Cuba, viu os indigenas usarem redes de algodão. Um pouco

mais tarde Hernando Cortez, que subjugou os Aztecas, no Mexico, achou-os tecendo e usando o algodão. Pizarro, general hespanhol, que conquistou o Peru', descobriu não só que os indigenas sabiam tudo a respeito do algodão, mas que as suas mumias, que tinham sido



Sir John Mandeville foi um homem que fez muitas viagens no seculo XIV. Dessas viagens fez descripções muito interessantes, embora não sejam exactas, e, entre outras cousas, escreveu a respeito da arvore de algodão, que encontrou na India: "Dentro da planta ha uns animaesinhos de osso, carne e sangue. Os homens comem tanto a fructa como o animal. Já comi da fructa e achei-a admiravel".

enterradas annos antes, foram enroladas com esta materia prima.

As sementes do algodão são plantadas na primavera, em espaços mais ou



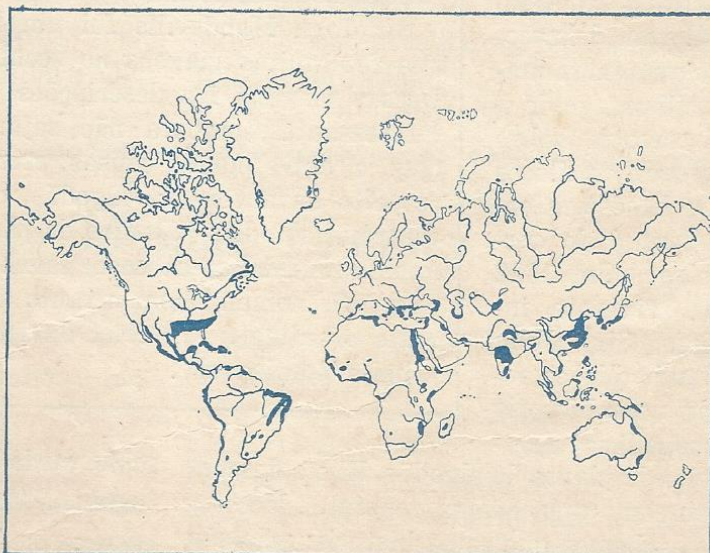
O ALGODOEIRO

menos de um metro de intervallo. O arbusto chega á altura de 2 a 3 metros e depois apparecem as flores que produzem um fructo no qual estão contidas as sementes e o algodão. As flores são grandes, vistosas, notaveis por sua corolla de côr amarella ou avermelhada.

Os fructos têm a forma de uma capsula ovoidé, abrindo-se em 3 ou 4 valvas, na época do amadurecimento em 3 ou 4 compartimentos e contém de 3 a 7 sementes pretas envolvidas por um flóco de filamentos, mais ou menos longos, conhecido como algodão. Este textil é fino, sedoso, de côr branca ou amarellada. Quando ha um grande numero desses fructos abertos, a plantação de algodão apresenta-nos uma bella vista, muito parecida com um campo coberto de neve. Depois começa a estação da colheita. Muitas vezes 200 a 300 ho-

mens, mulheres e crianças, trabalham num campo, carregando saccoes para encher de algodão. De ordinario cantam para se distrahir do calor. Esta colheita tem de fazer-se por differentes vezes, porque nem todos os fructos amadurecem ao mesmo tempo, e não é conveniente esperar pelo amadurecimento de todos, porque a acção do sol e a humidade estragariam o algodão dos fructos já abertos. Colhido o algodão, é posto a seccar á sombra, em logar ventilado, e em seguida distribuido em montes, conforme o seu grau de brancura e estado de conservação. Como as sementes são oleoginosas é preciso separal-as do algodão, sem o que ficaria inaproveitavel para a fiação. Nos primeiros tempos, as sementes do algodão eram separadas, á mão; porém, Eli Whitney, em 1793, inventou uma machina que revolucionou essa industria. O trabalho manual demorava muito tempo e a fazenda ficava mais cara que a seda. Depois daquella invenção a fazenda ficou com um custo de producção mais barato e o trabalho se tornou mais rapido, de fórmula que os plantadores resolveram plantar o algodão em maior escala.

Depois de o algodão passar por ma-



PAIZES QUE PLANTAM ALGODÃO

chinas, é arrumado em pilhas que se enfardam em saccoes, chamados fardos. Estes fardos são feitos tambem por meio de machinas, que os com-

primem. E' neste estado que as fabricas o recebem. Ha muitas machinas, pelas quaes o algodão passa, mas não descrevo aqui o trabalho de todas porque tomaria muito do vosso tempo. Direi sómente que algumas servem para descaroçar o algodão, outras para limpar, outras para desfiar, outras para enrolar em bobinas, outras tecem a fazenda e ainda outras fazem a estamparia.

As fibras do algodão são as mais delicadas de todas.

A maior parte do algodão do mundo vem dos Estados Unidos, sendo em seguida: India, Russia, Egypto, China e Brasil.

A produção mundial do algodão é em geral calculada em 24.000.000 de fardos.

Os paizes que manufacturam mais algodão são: Inglaterra, Allemanha, França, Belgica, Suissa e Estados Unidos.

Emprega-se o algodão para fabricar: cassas, filós, morins, chitas, fustões, velludos, linhas, rendas, etc. Ha aproximadamente dois bilhões de habitantes no mundo, e quasi todos usam algodão, de uma forma ou de outra, todos os dias, desde que nascem até que morrem e vão com elle para o caixão, quando são enterrados.

Laura Machado.

Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

A gula, peccado de todos nós



BOLO DE MORANGOS

A LA MINUETE

Ingredientes:

- 2 chicaras de farinha de trigo.
- 4 colherinhas de Baking Powder.
- Meia colherinha de sal.
- 4 colheres de assucar.
- 5 colheres de manteiga.
- Tres quartos de chicara de leite.
- 4 chicaras de morangos.

Methodo:

Peneiram-se juntamente os ingredientes seccos e addicione-se a manteiga; deite-se-lhe agora o leite, tornando a massa macia. Leve-se a um forno quente, em fôrma funda, por 20 ou 25 minutos. Corte-se o bolo em tres fatias horizontaes, unte-se com manteiga, e entre as fatias deite-se uma camada de morangos, ou qualquer outra fructa, amassados com assucar.

Edna Andrade.

Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".

Tres Respostas Felizes

Era uma vez um rei da Inglaterra que se chamava João. Este rei era muito mau e cruel para com o povo. Comtanto que se cumprisse sua vontade, pouco se lhe dava o que acontecesse aos outros; era o peor rei que a Inglaterra jamais teve.

Ora, havia na cidade de Canterbury, um abbade, velho e muito rico, que vivia em grande esplendor em sua abbadia. Todos os dias cem nobres banquetevam-se com elle e cincoenta cavalheiros de capas de velludo e correntes de ouro ao pescoço, serviam á mesa.

O rei João, ao saber disto, resolveu acabar com tal luxo, e, para esse fim, mandou chamar o velho abbade ao palacio.

—Olá, Reverendo! disse o rei. Ouço dizer que a sua casa é mais luxuosa do que o meu palacio. Que atrevimento é o seu em pretender cousa tal! Pois não sabe Vossa Reverendissima que nenhum homem nesta terra deve viver melhor do que o rei? Digo-lhe que ninguém no meu reino ha de me desafiar desta maneira!

—O' rei, disse o abbade. Permitta-me Vossa Majestade dizer que gasto sómente aquillo que é meu. Não queira Vossa Majestade julgar mal de mim só porque procuro tratar bem aos meus amigos e aos bravos cavalheiros que me fazem tão luzida companhia!

—Pensar mal? tornou o rei. Como posso deixar de censurar a vida de Vossa Reverendissima? Tudo o que ha nesta larga terra é meu, por direito divino. Como pôde Vossa Reverendissima ter a coragem de me desafiar, vivendo numa pompa superior á minha? E' de imaginar que Vossa Reverendissima quer ser rei em meu lugar!

—Por favor, Majestade! Não diga isso! Eu...

—Mais nenhuma palavra! vociferou o rei. Sua culpa está mais que provada, e si não responder a tres perguntas que

vou propor a Vossa Reverendissima, sua cabeça será cortada pelo carrasco e seus bens, confiscados.

—Farei o possibile para respondel-as, disse o pobre abbade a tremer de medo.

—Pois bem, disse o rei, juro pela coroa da minha cabeça, que ha de dizer-me: primeiro, o tempo exacto que vou viver; segundo, em quanto tempo farei a volta ao mundo; terceiro, o que estou pensando.

—O' rei, exclamou o abbade, estas são perguntas profundas e difficeis, e não as posso responder neste momento. Entretanto, se Vossa Majestade me conceder duas semanas para pensar, tentarei respondel-as no fim desse prazo.

—Está bem, terá as duas semanas que me pede, disse o rei. Porém, si não m'as responder, perderá sua Reverendissima a cabeça e os bens que esbanja tão á larga.

Muito triste e em grande medo, o abbade deixou o palacio do rei João. Dirigiu-se primeiro á cidade de Oxford. Ahi havia uma grande escola — uma universidade — e elle queria ver se algum professor o poderia auxiliar nas respostas. Mas qual! Nada havia nos livros que ajudasse a responder ás perguntas do rei. Desconsolado, o abbade tocou para a cidade de Cambridge, onde havia uma outra importante universidade. Logrou, porém, o mesmo resultado da primeira: nenhum professor daquela casa de sabios o pôde ajudar. Afinal, acabrunhado e triste, virou a cabeça do seu cavallo para o caminho de casa, resolvido a chamar os seus bons amigos e a despedir-se delles — pois tinha sómente mais uma semana para viver.

Quando, porém, entrou no caminho que ia ter á casa, encontrou um pobre pastor que seguia para o campo.

—Muito boas-vindas á Vossa Reverendissima! exclamou o pastor. Que noticias traz do palacio do Rei João?

—Noticias tristes. tristissimas... respondeu o abbade, começando a contar ao pastor tudo o que acontecêra.

—Coragem, coragem! disse o pastor. Vossa Reverendissima nunca ouviu dizer que um bobo pôde dar lições a sábios, não é assim? Pois eu creio que posso auxiliar-o neste transe por que está passando...

—Auxiliar-me? Exclamou o abbade, arregalando os olhos. Mas como? Como?

—Muito bem, respondeu o pastor. Vossa Reverendissima mesma sabe que todo o mundo diz que nós somos, physicamente, muito parecidos. Até, ás vezes, têm-me tomado por Vossa Reverendissima... Pois bem: dê-me os seus criados, seu cavallo e sua capa, e irei a Londres falar com o rei. E si nada puder fazer, ao menos morrerei no seu logar...

—Meu generoso pastor, disse o abbade. Sua bondade é grande e estou disposto a permittir que experimente o plano. Entretanto, na peor das hypotheses, não ha de morrer no meu logar. Isto nunca permittirei!

O pastor preparou-se, então, para partir immediatamente. Vestiu-se com muito cuidado. Cobriu sua roupa de pastor com a comprida capa do abbade, poz na cabeça o tricornio e empunhou o cajado de ouro. Depois de prompto, ninguém diria que o humilde pastor não era Sua Reverendissima, o abbade de Canterbury...

O pastor montou a cavallo e, com grande acompanhamento de criados, partiu para Londres.

Como era de suppor, o rei João imaginou que o pastor fosse o abbade em pessoa.

—Olá, senhor abbade! Ainda bem que voltou! exclamou o rei. Porém, ahí mesmo onde está, perderá a cabeça se não responder ás minhas tres perguntas.

—Prompto, Majestade, disse o pastor.

—Pois bem, vamos. Responda á primeira pergunta, começou o rei João, disfarçando um sorriso. Quanto tempo vou viver? Ande, diga-me com exactidão.

—Ora, que pergunta! O rei e meu senhor viverá até o instante da sua morte, nem mais dia, nem menos dia. E assim que morrer dará o ultimo suspiro, e nem um segundo antes.

Riu-se o rei. Vossa Reverendissima fala com desembaraço e graça, estou vendo. Sua resposta agradou-me... Vamos agora á segunda pergunta: em quanto tempo farei eu a volta ao mundo?

—Si vossa majestade levantar-se com o sol e caminhar atraz delle até a manhã seguinte, fará a volta ao mundo em vinte e quatro horas.

—Riu-se o rei novamente. Ora vejam, disse elle, eu não sabia que isto pudesse ser feito tão depressa! Vossa Reverendissima, além de engraçado é sabio! Vem agora minha terceira e ultima pergunta: que estou eu pensando?

—Ah! essa é a mais facil! disse o pastor. Vossa Majestade está pensando que eu sou o abbade de Canterbury. Mas, para falar a verdade, sou simplesmente um pobre pastor que veio solicitar o perdão para Sua Reverendissima e para mim mesmo. E assim dizendo, deixou cahir a comprida capa que o encobria.

O rei João estalou em gargalhadas. Que grande pandego! disse afinal. Em troca da tua brejeirice serás nomeado abbade de Canterbury, de verdade.

—Vossa Majestade me perdoe, mas isto não pôde ser, retrucou o pastor. Sou uma creatura que não sabe ler nem escrever — sou um pobre analphabeto..

—Está bem, disse o rei João. “Farte-ei outra mercê. Em paga de tuas graças, conceder-te-ei uma pensão sufficiente, que te será paga todos os sabados, emquanto viveres. Agora volta para Canterbury e dize áquelle velhote do abbade que levas o perdão do rei João”.

PEQUENOS CIGANOS

Capítulo VII

"VIVENDO E APRENDENDO"

Papae, sentindo a necessidade da música, nos serviços religiosos, comprou uma nova rabeca, e, muitas vezes, eu cantava enquanto elle tocava. Desse modo chamavamos a attenção do povo e o convidavamos a assistir á prégação do Evangelho.

Lembro-me perfeitamente do primeiro sermão que eu mesmo préguei. Foi num domingo, em que me levantei cedo e, com a convicção firme que Deus me estava guiando, sahi á procura de uma congregação. Chegando a um caminho, por onde muitas pessoas passavam, parei num lugar perto e comecei a cantar. Muitas pessoas pararam para escutar e logo se formou uma congregação bem grande. Depois de cantar dois hymnos, dirigi uma oração sincera,

pedindo o auxilio de Deus. Em seguida préguei um sermão simples e humilde. contei a historia da minha vida e como tinha achado a salvação em Christo Jesus; fallei do meu amor para com Deus e do meu desejo sincero de prégar o Evangelho e conduzir todos os homens ao meu Amigo e Mestre, o Senhor Jesus Christo.

Todos prestaram muita attenção e alguns corações foram tocados pelas palavras simples, mas sinceras, do pobre rapaz cigano de dezesete annos. Quando voltei para casa, descobri que papae já tinha sabido de tudo. Elle approvou o

meu zelo, mas não me lembro d'elle applaudir o meu sermão.

Justamente nessa occasião, fui com titio e minha irmã Emily, assistir a um culto dirigido pelo Rev. William Booth. Elle era o director de uma sociedade de trinta e cinco missionarios e depois tornou-se o fundador d'"O Exercito da Salvação".

Elle nos reconheceu e, qual não foi a minha surpresa, quando annunciou:

—Ha um rapaz cigano, aqui comnosco. Elle é christão e agora lhe offerecemos a palavra.

Como fiquei assustado! Sabia que não havia outro cigano alli; mas, ao mesmo tempo, não podia imaginar que elle estava fallando commigo. O meu primeiro impulso foi fugir, mas depois re-

solvi ficar e dar o meu testemunho do poder de Deus para salvar um pobre e humilde cigano.

Foi necessaria muita coragem para ir á plataforma e fallar na presença de mais de mil pessoas. Quando cheguei perto do Sr. Booth, elle reparou que eu estava muito nervoso e disse:

—Rodney, queremos ouvir cantar um solo.

—Pois bem, vou experimentar, respondi. Farei o melhor possivel.

Deus me ajudou e todos prestaram muita attenção enquanto estava cantan-

Presada senhora:

Tenho gostado immenso da historia do cigano Rodney Smith. Sinto, só ter escripto hoje. Achei o nome que puzeram em a nossa Revista muito bonito e creio que lhe vae muito bem.

Espero nunca deixar de assignar o "Bem-Te-Vi".

A amiguinha

Beatriz Junqueira
Póços de Caldas.

do o hymno chamado "Alegre, sempre alegre". Depois contei-lhes a historia da minha conversão e minha resolução firme de seguir a Deus até o fim da minha vida. Eu disse que reconhecia ser simplesmente um pobre e humilde cigano que não tinha residencia fixa, na terra, mas tinha confiança de que Deus me estava preparando uma casa nos Ceus; sentia muito as minhas fraquezas e ignorancia, mas eu sabia uma cousa: Jesus tinha perdoado todos os meus peccados e o seu Espirito Santo estava dirigindo a minha vida.

Depois do culto, o Sr. Booth me chamou á parte e perguntou:

—Rodney, você quer deixar o seu pae, os seus irmãos e a vida de ciganos para ficar comnosco e ser um prégador ou evangelista christão?

Eu não conhecia a significação da palavra **evangelista** e elle precisou explicá-la. Perguntei-lhe si elle julgava que eu pudesse me tornar um bom evangelista e, quando disse que sim, eu consenti, promettendo ir no dia 25 de Junho para começar a minha nova carreira. Quando cheguei em casa, aquella noite, accordei a familia inteira para dizer-lhe que eu ia ser um prégador do Evangelho de Jesus Christo.

No dia seguinte, depois do almoço, olhei para minha roupa de cigano e disse que, si eu ia ser um prégador, seria necessario me vestir como os "Gorgios". Fui á cidade e comprei, com meu proprio dinheiro, calças, paletot e collete. Também comprei camisas com collarinho e punhos tão engommados que estavam duros como taboas.

A minha familia e todos os nossos parentes e conhecidos estavam tão interessados com a minha mudança de vida, que não podiam pensar nem fallar em outro assumpto.

Finalmente, chegou o dia fatal. Não ha palavras que exprimam os meus sentimentos ao beijar o meu querido pae e meus irmãos! Parecia que o meu coração ia quebrar-se de saudades antes de chegar á estação!

Na cidade de Londres, um missionario me encontrou e levou-me para a casa

de uma familia christã, muito delicada. Era a hora do jantar e todos me estavam esperando. Não podeis imaginar como fiquei acanhado, quando entrei, pela primeira vez, numa casa e sentei-me á mesa para jantar com uma familia de "Gorgios"! Não sabia sentar direito na cadeira; não sabia comer com garfo e faca e não podia imaginar para que servia o guardanapo que achei perto do meu prato. Pensei que fosse um lenço bonito, muito bem passado. Resolvi ficar quieto e reparar bem como os outros faziam. A senhora da casa, porém, serviu o meu prato primeiro e disse que não esperasse. Eu não conhecia nenhum dos costumes dos "Gorgios" e pedi muitas desculpas, dizendo que tivessem a bondade de me ensinar a usar os talheres, guardanapos, etc. Todos foram muito bons e, com delicadeza, explicaram-me tudo.

Depois do jantar, disseram que iam mostrar-me o meu **compartimento**. Isto para mim era grego; não podia imaginar a significação de tal palavra. Mas quando entrei no meu quarto e fechei a porta, tive a impressão de que ia morrer suffocado numa prisão de quatro paredes e com um tecto muito baixo. Tinha tantas saudades de minha familia e de nossa tenda que, embora humilde, tinha ar fresco em abundancia. Sentia-me cada vez mais longe de minha propria terra e dos meus queridos ciganos.

Mas, mais uma novidade me esperava: a cama exquisita com lençoes, fronhas, etc., tudo branco como a neve. A cama era tão alta que parecia uma mesa; eu não gostava nem um pouco da idéa de dormir nella, mas não havia outro remedio e resolvi experimentar. Nunca posso esquecer as experiencias daquella primeira noite que passei numa cama verdadeira! Não dormi muito bem e levantei-me cedo. A primeira cousa que fiz foi ajoelhar-me em oração e, com toda a sinceridade, pedi a Deus que me ajudasse durante aquelle dia.

Lembro-me perfeitamente do meu primeiro banho dentro de uma casa. Estava acostumado a tomar os meus

banhos, como os passarinhos, á beira de um rio, num poço ou em qualquer lugar onde havia agua. A's vezes, lavava o rosto, as mãos e os pés com o orvalho que achava no capim. Agora imagine o meu geito, usando uma bacia bonita, sabonete, toalhas de linho, brancas como a neve e tão bem passadas a ferro que brilhavam, sendo lisas como seda. Achava-as tão lindas que não quiz usal-as; realmente, tinha pena de sujá-las.

Eu estava prompto muito antes que qualquer outra pessoa da casa, mas fiquei muito quieto e não sahi da minha prisão. Passei o tempo com minha Biblia e na presença do meu Deus, renovando assim o meu espirito e adquirindo coragem sufficiente para vencer as difficuldades do dia.

Na hora do almoço, os membros da familia me trataram com muita delicadeza, corrigindo os meus erros e ensinando-me os costumes dos "Gorgios".

O meu primeiro trabalho foi num lugar chamado White Chapel e o Sr. Booth tinha arranjado pensão para mim na casa da senhora Reynolds, que foi uma verdadeira mãe para mim; não tenho palavras para exprimir a gratidão que sinto pelo auxilio que ella me prestou.

Cada dia trazia as suas proprias difficuldades. O meu trabalho consistia em visitar as familias, convidando-as a frequentar os cultos para ouvir a palavra de Deus. No principio não tomava conta dos cultos sózinho; ajudava os outros, cantando, prégando ou dirigindo orações.

Eu precisava estudar, mas não tinha tempo nem dinheiro para frequentar um collegio. Todas as manhãs, levantava-me cedo para estudar sózinho. Quando comecei a dirigir os cultos, sem o auxilio dos outros, fiquei muito acanhado, porque não podia ler perfeitamente nem um só capitulo da Biblia. Pensei em pedir a alguém para ler as lições em meu lugar, mas tinha vergonha de fazer isto. Depois tive a lembrança de estudar sózinho as lições do dia, aprendendo as palavras faceis e marcando as outras para soletrar na hora do

culto, pedindo a alguém para pronuncial-as. Esta idéa, porém, envergonhou-me tanto que resolvi fazer o possivel para esconder a minha ignorancia.

Finalmente, adoptei o seguinte plano: Lia a lição devagar e com muito cuidado; quando percebia que estava proximo de uma palavra difficil, parava para fazer algum commentario e depois, continuava a ler com bastante cuidado para começar do outro lado da palavra que não conhecia. Trabalhava muito mas sentia-me feliz pois achava que estava fazendo a vontade de Deus.

Elle me guiava todos os dias e abençoava os meus esforços. As minhas congregações eram sempre grandes, muitas vezes de mais de mil pessoas, de todas as classes sociaes. Prestavam muita attenção, emquanto eu lia a palavra de Deus e eu fazia o melhor possivel para prégær o Evangelho.

Nunca houve um só culto sem que eu gozasse o grande prazer de ver peccadores converterem-se a Jesus Christo. Como o meu coração transbordava de alegria ao pensar que Deus se servia de um pobre, ignorante e humilde Cigano, para a salvação de almas perdidas!

Num domingo, meu coração se encheu de gratidão e alegria pela conversão de uma pessoa que me era muito querida. Depois de contar ao auditorio a historia do amor de Deus, cantei um hymno que tocou o coração da minha irmã Tilly e ella foi convertida. Em toda a minha vida, julgo que nunca houve um acontecimento que me dêsse tanta alegria como a conversão desta irmã que sempre amei, e ainda mais depois da morte de nossa mãe! Foi realmente o meu amor por ella que me conduziu a Deus.

Durante seis mezes, trabalhei em White Chapel, sem receber um vintem de salario, mas um dia, Sr. Booth me chamou e perguntou-me si eu pretendia passar a minha vida inteira prégando o Evangelho. Eu disse que sim, que esse era o meu desejo mais elevado e sincero.

—Pois bem, disse elle, hoje póde embarcar para Whitby para prégær lá.

Esta foi a minha primeira longa viagem num trem e lembro-me como sentia a sua velocidade, chegando á conclusão de que o mundo era muito grande.

Finalmente chegámos em Whitby, e o Sr. Cadman veio esperar-me na estação.

Depois do almoço, sahi com elle e nós dirigimos, naquelle dia, seis cultos.

Durante os seguintes mezes, muitos homens, que agora são prégadores do Evangelho, acceitaram a religião de Jesus Christo.

Entre as pessoas convertidas nesta cidade, achava-se uma moça bonita e muito sympathica, chamada Senhorita Pennoch—hoje Sra. Gipsy Smith. Quando Sr. Booth ouviu dizer que eu estava namorando, elle, immediatamente, mandou-me prégar numa outra cidade.

De Whitby eu fui prégar em Bradford, Londres e Sheffield. Lá recebi o meu primeiro ordenado de mais ou menos 18\$ por semana. Gastava 15\$ com a pensão e ficava com 3\$ para comprar roupa, livros e outras cousas de que precisava. Não era possível guardar nem um só vintem, principalmente porque, todos os dias, visitava os pobres e os doentes.

Depois passei seis mezes alegres em Bolton. Tinha pensão na casa da familia do Sr. Corbridge, o qual me tratava como si fosse o seu proprio filho. Sra. Corbridge era uma senhora bem educada e attenciosa. Ella me ajudava bastante com as minhas lições.

Em Bolton, duas moças foram convertidas e entregaram á Sra. Corbridge os seus rosarios, dizendo que não precisavam mais delles. Isto excitou tanto alguns padres que elles ficaram zangados e cheios de inveja.

No dia seguinte o Sr. Corbridge, estando um pouco doente, não assistiu ao culto e a Sra. Corbridge ficou em casa com elle. Eu fui sozinho e préguei a uma congregação de mais de tres mil pessoas.

Todos ficaram bem quietos e prestaram muita attenção. Quando o culto ia terminar, alguns homens entraram para

me matar. Elles estavam furiosos; não havia limites para a sua colera e o que me salvou a vida foi o auxilio que alguns guarda-civis me prestaram.

Vendo o perigo em que me achava, elles me levaram para uma pharmacía que se achava lá perto. Fecharam a porta da frente e me mandaram sahir ás escondidas pela porta de traz, em companhia de um guarda-civil. Precisámos escalar tres muros, e assim escapei da morte e cheguei em casa são e salvo.

No dia seguinte, Sr. Corbridge foi fallar com os officiaes da cidade e elles disseram que tinhamos o direito de continuar com os nossos cultos, porque a religião é livre e todos têm o direito de realizar os seus cultos. Tambem mandaram alguns guarda-civis para nos proteger daquelles homens furiosos.

Tudo isto chamou a attenção do povo aos nossos cultos, e, simplesmente para satisfazer a sua curiosidade, muitos assistiram á prégação do Evangelho, pela primeira vez na sua vida. Além disso, sahiram nos jornaes, longas noticias sobre o que estavamos fazendo. Desse modo o nosso trabalho foi annunciado, de graça, e a perseguição tornou-se uma bençã para nós. Assim o Espirito Santo de Deus venceu tudo e ganhou uma grande victoria. Isto nos faz lembrar que: "Deus escreve direito por linhas tortas".

Como era o meu costume, sempre me levantava cedo para ler a Biblia e passar algum tempo na presença de Deus antes de começar o meu trabalho do dia. Tambem nunca deixava passar um só dia sem estudar uma ou duas horas. Prégando sermões todos os dias, achava que precisava muito de ler e assim arranjar novas idéas para os meus discursos.

Comecei tambem a estudar e a exercitar a calligraphia; para mim isto não era muito facil. Usava um caderno com uma copia em cada pagina, e, como todos os que apprenderam a escrever por este methodo antigo e imperfeito, custei muito a fazer progresso. Com muito cuidado e esforço, podia imitar

a copia na primeira linha de tal maneira que sahia mais ou menos legivel; mas as linhas seguintes saham cada vez mais feias e, antes de chegar ao fim da pagina, a minha calligraphia parecia "os traços de barata sahida do tinteiro".

O unico facto que ajudava a situação era que, cada manhã, tinha uma pagina nova e o privilegio de começar de novo e sempre começava o mais perto possivel do modelo.

"COMO APPRENDI A LER"

E' assim que a nossa vovosinha nos conta como aprendeu a ler:

—Sabeis, caros netinhos, que ainda ha pouco tempo o methodo de ensino para as crianças era muito differente do de hoje? Além de tudo, as escolas não eram amplas e espaçosas casas como actualmente; em pequenas salas, uma grande quantidade de alumnos recebia o ensino de sua professora.

No meu tempo, quem, na hora da taboada, não cantasse, seria presenteado com uma duzia de bolos. Não quero dizer com isso que sejam bolos de comer, pois se fossem, seria bom não cantar e comel-os; mas eram bolos dados com boa palmatoria, a companheira inseparavel da carrancuda mestra.

Um dia, não sabendo eu a lição de Historia, D. Philomena, assim se chamava nossa professora, collocou-me em pé sobre uma cadeira, de braços abertos e com um grande cartão pendurado ao pescoço, onde se lia: "Eu sou burra". Do outro lado do mesmo cartão estava escripto: "Eu sou intelligente"; então, como eu era muito levada, quando D. Philomena virava as costas, eu tambem virava o cartaz; mas uma vez fui pilhada em flagrante, o que me valeu uma duzia de bolos que me deixaram com as mãos inflammadas.

Para meninos travessos e peraltas havia um quarto escuro, aonde elles não gostavam de ir, pois lá havia muitos ratos que os faziam dar gritos de medo.

Outro castigo muito commum no meu tempo era ficar-se ajoelhado sobre grãos

Isto ensinou-me uma lição espiritual que nunca mais esqueci; si eu queria tornar-me perfeito, na minha vida, seria necessario conservar-me bem perto do unico Exemplo Perfeito que temos na historia do mundo, e fazer o possivel de imital-o, esquecendo as minhas fraquezas e os meus erros do passado — começando de novo cada manhã, com a resolução fixa de copiar com mais cuidado a vida perfeita de Jesus Christo.

(Continúa).

de milho, do que todos gostavam porque se fazia grande algazarra na aula, jogando-se grãos de milho uns aos outros; mas tudo isto terminava com a palmatoria em scena.

Apesar de haver esses castigos, as aulas não deixavam de ser alegres, pois quasi todos os alumnos eram levados, travessos e risonhos; havia sempre boas pilherias que nos faziam rir á grande.

A mais interessante de todas estas cousas era a taboada cantada. Todos os alumnos levantavam-se e a um só tempo cantavam: $1 + 1 = 2$, $2 + 2 = 4$ e assim por diante. Mas si, por acaso, ou descuido, alguém erresse ou desentoasse, já se sabia o resultado: uma duzia de bolos.

Agora é necessario dizer-vos tambem que outr'ora o ensino primario era pago, tornando-se pouco accessivel aos pobres que constituem grande parte da população brasileira; no emtanto, com o rapido progresso do nosso querido Brasil, a instrucção tornou-se gratuita.

Em qualquer cidade do interior de nosso paiz ha grupos escolares onde as crianças podem instruir-se sem contribuição pecuniaria.

Assim, pois, é necessario que todos nós recorramos aos livros para evitar o analfabetismo, que é um mal que assola varios paizes.

Meninos, deixae a vadiação de parte, tratae da vossa intelligencia emquanto sois crianças, cultivae-a para que mais tarde possaes velar ainda mais pelo progresso rapido do nosso mui amado torrão natal.

Dora Neves.

(Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi").

RIP VAN WINKLE

A bella lenda americana do homem que dormiu durante vinte annos. ;

(Será publicada em cinco partes.)

(Continuação)

II

Esta attitude, todavia, provocava uma nova descarga por parte de sua mulher, de modo que elle era obrigado a dominar seus impetos, e sahir para a rua, o unico logar que, realmente, pertence a um marido governado pela mulher.

Solidario com Rip no lar, havia apenas o seu cão Wolf, que era tão patife como o seu dono, e por isso a Senhora Van Winkle os olhava como companheiros na madraçaria, não obstante tivesse um olhar ferino para Wolf, attribuindo-lhe a culpa dos frequentes descaminhos do seu dono. A verdade seja dita, no entanto: Wolf tinha todos os prediados de um cão nobre; era um animal corajoso, do que dava provas, percorrendo as florestas — mas que coragem pôde resistir aos eternos e insuperaveis terrores de uma lingua feminina? — No momento em que Wolf entrava em casa, baixava a cabeça, enrodilhava a cauda entre as pernas, punha-se a rastejar com um ar de réo, de vez em quando arriscava olhar de soslaio para a Senhora Van Winkle, e ao menor vibrar de um cabo de vassoura ou de uma concha, elle voava para a porta, a uivar.

Iam as cousas de mal a peor, com o pobre Rip Van Winkle, á medida que decorriam os annos do casamento; um genio azedo nunca se adoça com a idade, e uma lingua aguçada é o unico instrumento de corte cujo gume se torna cada vez mais cortante, quanto mais se occupa. Durante muito tempo elle costumava, para se consolar, quando arrojado fóra de casa, frequentar uma especie de sociedade que funcionava quasi incessantemente, dos sabios philosophos e outras personagens ociosas da povoação, os quaes realizavam as suas sessões sentados num banco deante de uma pequena hospedaria que era indicada por um re-

trato de Sua Majestade Jorge III, pintado em vermelho vivo.

Alli se abancavam elles á sombra de longos e modorraes dias de verão, conversando indolentemente, sobre mexericos da aldeia, ou contando historias interminaveis e enfadonhas de nonada.

Seria, no entanto, digno do dinheido de qualquer estadista ouvir as profundas discussões que se travavam ás vezes, quando, por acaso, um jornal velho lhes vinha ás mãos, por intermedio de um viajante que por alli passasse.

Com que reverencia elles escutavam as dissertações proferidas por Derrick Van Bummel, o mestre-escola, um homenzinho illustrado e vivo, que se não intimidava com as mais gigantescas palavras do dictionario; e com que sabedoria elles deliberavam sobre acontecimentos publicos que haviam occorrido havia mezes atraz!

Sobre as opiniões desta assembléa prevalecia inteiramente a de Nicholas Vedder, um patriarcha da aldeia e proprietario da hospedaria, á porta da qual elle passava sentado da manhã á noite, movendo-se apenas o sufficiente para evitar o sol e se conservar sob o abrigo da sombra de uma grande arvore; de modo que os seus vizinhos podiam contar as horas pelos seus movimentos, tão seguramente como por um relógio solar.

E' verdade que elle falava raramente, mas o seu cachimbo fumegava incessantemente. Seus adeptos, todavia, (porque todo o homem importante tem os seus correligionarios), comprehendiam-no perfeitamente, e sabiam como interpretar suas opiniões. Quando alguma cousa que se lia ou se contava lhe causava desagrado, elle punha-se a fumar sofregamente, soltando baforadas curtas, frequentes e nervosas; mas

quando era alguma cousa que lhe agradava, elle desprendia a fumaça lenta e tranquillamente, deixando-a escapar em ondas vagarosas e leves, e algumas vezes, quando tirando o cachimbo da bocca, o adorante vapor envolvia o seu nariz, elle costumava inclinar solennemente a cabeça em signal de inteira approvação.

Deste mesmo refugio o pobre Rip era afinal acochado por uma turbulenta mulher, que rompia repentinamente a tranquillidade da assembléa, dirigindo aos seus membros uma carga de improperios, sendo que nem aquelle augusto personagem, Nicholas Vedder, era poupado pela lingua atrevida daquella virago, que o accusava desabridamente como culpado dos habitos de malandrice do seu marido.

O pobre Rip estava, enfim, quasi reduzido ao desespero, e sua unica sahida para eximir-se ao trabalho da chacara e á gritaria de sua esposa, era tomar a espingarda e vaguear pelas mattas. Lá elle costumava sentar-se ao pé de uma arvore e repartir o conteúdo da sua mala com Wolf, com o qual elle sympathizava como seu companheiro de martyrio. "Pobre Wolf", costumava dizer, "tua patroa te faz levar uma vida de cão, ... mas nunca te esqueças, meu caro, de que, emquanto eu viver, nunca ha de faltar um amigo que olhe por ti!" Wolf agitava a cauda e olhava attentamente para o rosto do seu dono, e si cães podem sentir gratidão, eu creio sinceramente que elle correspondia áquelles sentimentos com todo o seu coração.

Numa longa jornadaquelle genero, num bello dia de outomno, Rip tinha inconscientemente subido a um dos lugares mais elevados dos montes Kaatskill. Elle estava entregue ao seu divertimento favorito, de caça ao esquilos, e as silenciosas paragens tinham echoado com os estampidos de sua espingarda.

Offegante e extenuado, elle deitou-se ao cahir a tarde, num pequeno outeiro,

coberto de relva montanhez, a qual como que coroava o cume de um penhasco.

Por uma abertura entre as arvores elle podia descortinar toda a região abaixo, a uma distancia de muitas milhas da floresta. Distante, poudes ver o Hudson soberano, longe, longe, abaixo delle, rolando no seu silencioso mas imponente curso, reflectindo a sombra de uma nuvem vermelha ou a silhueta da vela, de um barco vagaroso, aqui e alli, repousando no seu leito vitreo, e perdendo-se afinal por detraz das montanhas azues.

Do outro lado, seu olhar perdia-se na profundidade immensa de uma montanha ingreme, isolada e erigida, tendo a base coberta de pedras que se destacaram dos rochedos situados na orla superior, e escassamente illuminada pela claridade reflectida do sol agonizante. Durante alguns momentos Rip permaneceu gozando a belleza daquelle scenario; a noite avançava pouco a pouco; as montanhas começavam a erguer suas longas sombras azues por sobre os valles; elle viu que estaria completamente escuro muito antes que pudesse chegar á sua aldeia e exhalou um profundo suspiro quando lhe occorreu a idéa de enfrentar as furias da Senhora Van Winkle.

Quando fez menção de descer, elle ouviu uma voz longinqua chamando-o "Rip Van Winkle! Rip Van Winkle!" Elle olhou em derredor, mas nada poudes ver, senão um corvo cortando o espaço com o seu solitario vôo. Elle julgou aquillo uma phantasia do seu espirito, e ia novamente descer quando ouviu resoar o mesmo grito atravez do ar ainda vespertino: "Rip Van Winkle! Rip Van Winkle!" — ao mesmo tempo Wolf ericou o pello do seu dorso, e, dando um uivo surdo, approximou-se de seu dono, olhando timidamente pela encosta abaixo. Rip sentiu então um vago temor apoderar-se de si: olhou anciosamente na mesma direcção, e viu uma extranha

figura remexer-se lentamente sobre as rochas, e curvada sob o peso de alguma cousa que trazia em suas costas. Elle ficou surpreso por ver um ser humano neste solitario e deserto lugar, mas suppondo ser alguém da vizinhança recla-

mando o seu auxilio, apressou-se a atendel-o.

Approximando-se, maior se tornou a sua surpresa, deante da singularidade do aspecto do desconhecido.

(Continúa).

Quando a Abelha picou Mamãe

III

Um ministro, certa vez, perguntou a um menino ha quanto tempo conhecia o seu Salvador, e si elle tinha certeza de que todos os seus peccados estavam perdoados.

—Oh! sim, replicou elle. Sei que estão todos perdoados; estou certo disso.

—Quando foi que, pela primeira vez, você comprehendeu isso? continuou o ministro.

—Quando a abelha picou mamãe, respondeu o menino immediatamente.

—Quando a abelha picou mamãe? Explique-se, menino.

—Sim, senhor, disse o menino. Minha mãe me contou, durante alguns annos, o que Jesus fez por mim; mas nunca o comprehendi realmente, nem concebi como elle tomou meu lugar, até uma tarde de verão, quando brincava á porta do nosso casebre. Mamãe estava na cosinha, passando a ferro, com as mangas arregaçadas.

Eu estava brincando nos degraus da escada, quando, de repente, uma abelha grande e muito excitada poz-se a zumbir ao redor da minha cabeça. Parecia que tinha sido ferida e estava decidida a vingar-se.

Fiquei com medo e experimentei afugentá-la; mas continuava a me perseguir, cada vez mais perto. Afinal, desesperado, corri para dentro da casa afim de me livrar de meu inimigo e escondi-me embaixo do avental de mamãe que tinha estado observando os meus esforços para escapar do meu antagonista.

Minha mãe, um tanto divertida com meu temor, mas cheia de cuidados maternos, deixou o ferro e collocou os bra-

ços ao redor de mim como para me assegurar da sua plena protecção.

Mal ella fez isso, a abelha pousou num dos seus braços descobertos e picou mamãe tão profundamente que não poudes retirar o ferrão e, num estado exgotado, arrastou-se pelo braço abaixo.

Mamãe sentiu a ferroadada mas, ao ver a abelha arrastar-se pelo seu braço, teve um pensamento que foi a causa da minha salvação.

—Sáia para fóra, disse-me ella. A abelha picou mamãe em vez de você; venha vel-a arrastar-se pelo meu braço. Agora, não póde ferir você.

Finalmente, levantei o avental e puz a cabeça para fóra. Lá estava a abelha, arrastando-se devagarzinho pelo braço de mamãe, que, apontando para o ferrão um pouco mais acima, disse:

—Ali está o ferrão. A abelha picou mamãe em vez de você. Póde ir brincar em paz agora, pois não picará mais; o seu ferrão ficou no meu braço. Pobre bichinho! Só tinha um ferrão.

Mamãe aproveitou-se do caso para me dar uma lição. Disse-me que assim como ella tinha sido picada em meu lugar, Jesus tinha soffrido por mim. Eu tinha repetido aquelle verso: "Elle foi ferido por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos devia trazer a paz, cahiu sobre elle, e pelas suas pisaduras fomos nós sarados", mas nunca o comprehendi até aquelle dia, com a abelha e o ferrão á nossa frente. Era uma figura do que Jesus permittiu que fosse feito a Elle — ser castigado em lugar de nós, que mereciamos ser castigados.

nossa mão e movendo os dedos, o fazemos dançar.

Também podemos colocar na mesa dois phosphoros cruzados, representando espadas.

Outro modo pelo qual podemos divertir os nossos amigos é fazer um magico como mostra a figura "c". Arranjamos a cabeça de uma boneca qualquer e á essa cabeça grudamos um sacco de alguma fazenda de côr. Esse sacco deve ter dois bolsos compridos, como os dedos de uma luva.

Grudamos o fundo desse sacco á parte inferior da cabeça de modo que a abertura do sacco fica para baixo.

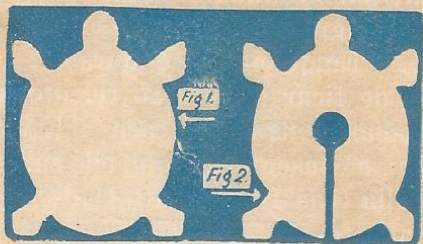
Agora enfiamos o indicador na cabeça, o pollegar num dos bolsos e o dedo medio noutro bolso.

Feito isto, movemos os dedos, fazendo o boneco se mexer de accordo com o que dizemos.

Com a pratica, o boneco fará cousas bem engraçadas.

Uma Tartaruga de Papel que Nada Sózinha

Toma-se uma folha de papel de grossura regular e corta-se uma tartaruga como a figura 1.



No centro corta-se um circulo com um canal estreito como mostra a figura 2.

Põe-se um pouco de agua num prato raso e colloca-se a tartaruga sobre ella

Agora peçam aos seus amiguinhos que ponham a tartaruga em movimento sem tocar nella nem assoprar. Quando tiverem feito o possivel, sem obter resultado, colloquem com uma caneta tinteiro ou com qualquer outra cousa, um pingo de oleo no centro da tartaruga. Si fizerem isso com cuidado, a tartaruga se porá em movimento.

A razão é a seguinte: O oleo na agua sempre tende a espalhar-se. Estando secca a parte superior da tartaruga, ha só uma direcção para o oleo seguir e essa é para traz.

A reacção faz a tartaruga mover-se na direcção opposta á que o oleo segue e portanto, para deante.



com muito cuidado para não molhar a parte superior. Para isto é preciso que o papel seja muito liso e não amassado:

E' muito duvidoso que os seus amigos saibam a razão pela qual vocês podem fazer o impossivel. Ficarão muito admirados.

A LIÇÃO DO SAPO

Havia um casal de sapos que morava em um buraco, ao pé de uma grande árvore. A família se compunha dos paes e de tres sapinhos. O sapo-pae engordava dia a dia, e sua preguiça augmentava com o correr do tempo, chegando ao ponto de não querer mais sahir de casa. A pobre mulher é que tinha de ir buscar alimento para a familia toda. A's vezes ella sentava-se no morangueiro, com a lingua de fóra, e ahi ficava, a apanhar moscas para si, e para os seus. Sua lingua, muitas vezes, ficava doída, porque os filhos e o marido eram grandes comilões.

Uma occasião, depois de uma temporada de chuva, ella adormeceu ao sol. Foi despertada por sons que partiam de sua toca. Para lá se dirigiu ligeira e achou os tres filhinhos na soleira da porta, porém não viu nenhum signal do marido. Elle que gostava tanto de sentar-se ao sol e esperar o almoço, onde estaria? Então perguntou aos filhos:

—Que aconteceu ao teu pae?

—Não sabemos.

—Engordei tanto, nestes dias chuvosos que não posso sahir de casa, respondeu uma voz lá do fundo.

A mãe então mandou os filhos chamar o dr. Sapão e o seu auxiliar que era um primo delles. Quando estes chegaram ella contou-lhes o acontecido. Resolveram mandar chamar o amigo Rato, para fazer o buraco maior.

—Estraguei as minhas unhas em uma armadilha e não posso cavar, disse o Rato, de mau humor. Procuraes meu irmão para vos auxiliar.

Sahiram á procura do irmão do sr. Rato; encontraram-no no campo, e lhe contaram o que havia acontecido.

—Não posso ir, disse o irmão do Rato, tenho seis filhinhos para criar.

Nesse interim, o sapo, tentando sahir, ficou preso á entrada da toca, e não podia ir para fóra nem para dentro. Com isso ficaram ainda mais tristes, e derramavam copiosas lagrimas; além disso a mãe e os filhos tiveram que dormir ao relento.

—Elle devia ter pensado nisso antes de se metter alli, disse o dr. Sapão, sahindo com o seu assistente, sem terem prestado serviço algum.

Ora, a mulher começou a pensar em não dar mais comida ao marido, até que este emmagrecesse, e pudesse sahir da prisão. Enquanto isso durasse, elles teriam de ficar lá fóra ao relento, pois não podiam entrar em casa. E assim fizeram, e conseguiram que elle sahisse. A familia toda ficou muito contente e a mãe-sapo teve a oportunidade de prégar um sermão ao marido, e disse-lhe:

—Agora é melhor deixar a preguiça de um lado e trabalhar, do contrario engordarás outra vez.

—Prometto corrigir-me, disse o sapo-pae.

Jacy Fraga Moreira.

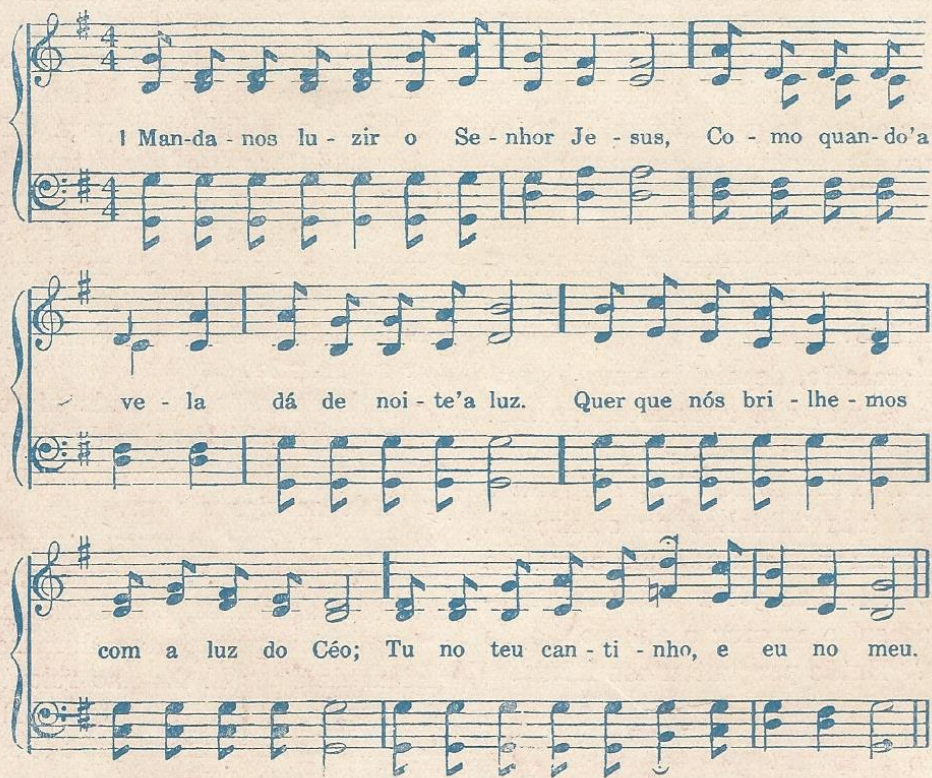
(Uma amiguinha do "Bem-Te-Vi").

INDICE

Titulo	Pagina	Titulo	Pagina
"O Que Revela Uma Assignatura".....	218	Os Ciganos — Capitulo VII.....	228
Um Beme.....	219	Carta.....	228
Flannery Nightingale.....	221	"Como Apprendi a Ler".....	232
A Arvore.....	221	Rip Van Winkle.....	233
Um Grande Amigo e um Amigo Grande.....	222	Quando a Abelha Picou Mamãe.....	235
Quando Mamãe Chamar.....	222	Pedras Preciosas.....	236
Pagina dos Leitores.....	223	Um gato desenhado com o auxilio de duas moedas.....	236
"A Ovelha Vegetal".....	223	Brinquedos e Jogos.....	237
A Gula, Pecado de Todos Nós.....	225	A Lição do Sapo.....	239
Três Respostas Felizes.....	226	Jesus Manda-nos Luzir.....	240

JESUS MANDA-NOS LUZIR

10. 11. 11. 10.



1 Man-da - nos lu - zir o Se - nhor Je - sus, Co - mo quan-do'a
ve - la dá de noi - te'a luz. Quer que nós bri - lhe - mos
com a luz do Céu; Tu no teu can - ti - nho, e eu no meu.

O Senhor assim nol-o mandou: "Eu te puz para luz das gentes, para que sejas de salvação até a extremidade da terra".

- 2 Para si primeiro Elle a luz requer,
Percebendo logo se ella enfraquecer.
Sempre a luz mostremos que Jesus nos deu;
Tu no teu cantinho, e eu no meu.
- 3 Ao redor, então manda a luz raiar,
Muitas são as trevas para dissipar.
Para reflectirmos sua luz nos deu;
Tu no teu caminho, e eu no meu.

R. H. M. (alt.)

DO LIVRO - HYMNOS E CANTICOS JUVENIS

PREÇO: 12\$000

IMPRENSA METHODISTA — CIDADE DE S. PAULO